

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PÁGINAS INÉDITAS DE FÉLIX ALVES PEREIRA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1939 | Número: 49

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Páginas Inéditas de Félix Alves Pereira. *Revista de Guimarães*, 49 (3-4) Jul.-Dez. 1939, p. 103-111.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Páginas inéditas de Félix Alves Pereira

(Continuação de pág. 41)

c) Forma, dimensões e labores das umbreiras

No Museu está reconstituída uma portada da estação de Sabroso, portada que fotografei. As duas pedras que constituem as umbreiras não são iguais (excepto na ornamentação exterior), porque enquanto uma, a da direita, tem um rebaixo a tôda a altura com a profundidade de 0,045, para o batente da porta, a da esquerda nada tem, e embora não haja soleira nem padieira, reconhece-se que a porta deveria ter do lado esquerdo as cavidades para os couções. Do lado direito viam-se as duas recravas onde penetrariam as lingüetas dos ferrolhos de correr, se êste era o sistema de fechar a porta pelo lado interno. As dimensões lêem-se na fig. 14. Quanto a altura, esta pedra media 1,40. A forma das referidas recravas era de cunha, mas achavam-se estilhaçadas pela parte interna, como se a porta tivesse sido violentada do exterior. Note-se que a parte rebaixada não é um paralelogramo rigoroso, mas um estreito trapézio. Na casa de Coronero, que era do ópido de Briteiros, dá-se a mesma circunstância, como se vê na fig. . . ., independentemente da sua posição.

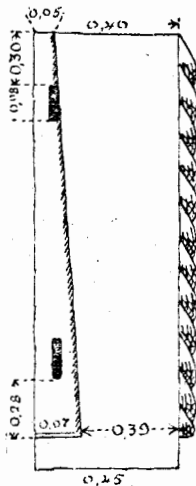


Fig. 14

Há pois intenção neste dispositivo; qual o fim? Dar à porta a inclinação necessária para abrir por si? Convém também fazer notar que as recravas, a que me refiro, tanto na casa de Coronero, como na de Sabroso, se encontram estilhaçadas pela parte interior da habitação, como se a entrada tivesse sido violentada pela parte exterior. Devo ainda dizer que essas pequenas cavidades encostam mais ou menos completamente ao rebaixo, cujo ressalto mede 0,045.

Sarmento, na *Rev. de Guimarães* (XX, 114), menciona a primeira umbreira que encontrou completa, com a altura de 7 palmos (1,54) e dois rasgos para caravelha. O desenho que acompanha esta observação é obscuro; a casa a que ela pertencia já não tinha sinais de entrada.

A pág. 118 fala de outra que lhe pareceu estar *in loco*; para o meu propósito é estéril a nota.

Os labores desta umbreira Sabrosina são característicos; é o torçal duplo e os ss tríplexes juxtapostos. Represento-os na fig. 15 com as respectivas medidas.

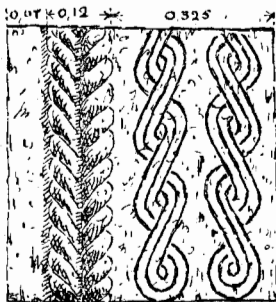


Fig. 15

E' principalmente nesta parte das habitações que o estilo citaniense (chamemos-lhe assim, mas com a condição de o entendermos pre-romano) atinge o maior desenvolvimento.

Cartailhac (*Les Ages Préhist.* etc., p. 121) reproduz, ao que parece, uma parte desta porta, e embora encontre analogias com a arte decorativa micenense, em que M. Sarmento tanto insistiu, não deixa de observar que Micenas é muito mais antiga mesmo que Sabroso, que desapareceu antes da conquista romana de Briteiros. A esta estação atribuíu êste eminente arqueólogo a duração de 4 ou 5 séculos, e as origens de Sabroso eram para êle vizinhas dos séculos IX ou VIII, em que tantas relações havia com a Itália e a Grécia.

O abandôno de Briteiros é difícil de determinar cronològicamente; pode dizer-se apenas que, não!apa-

recendo aí vestígios da ocupação bárbara, é-lhe anterior. Que ambas as estações proviessem de épocas contemporâneas, não é impossível, sendo até provável que se percam na pre-história as origens de ambas.

Os petroglifos das rochas e os machados de pedra justificam tão recuada antiguidade.

Mas vejamos mais umbreiras lavradas.

Uma das mais curiosas provém da *Cidade de Ancora*; no Museu de Guimarães existe a umbreira esquerda e a padieira respectiva, incompleta, porém, dêsse lado; não assim do lado direito, onde conserva a sua extremidade, mas falta a umbreira; a porta está reconstituída parcialmente (*Essai sur la chron. préh. de la Pénins. Ibérique*, por J. Dechelette, pág. 93). Cartailhac (op. cit.) reproduz esta portada, na verdade curiosa.

Aquele autor coteja esta ornamentação com a de um mosaico romano-lusitano (*O Arch. Port.*, 1903, p. 153); a identidade não é completa, mas parece-

me que é irrecusável a grande analogia do desenho, se bem que mais complexo na cidade. Como êste, semelhante é, por exemplo, a ornamentação de uma fíbula do *late-celtic* de uma palafita (*craunog*) do lago *Ardalvillen*; aqui a trança é-lisa, mas tem a mesma disposição (*Lake dwellings in Europe*, por Monró, p. 369).

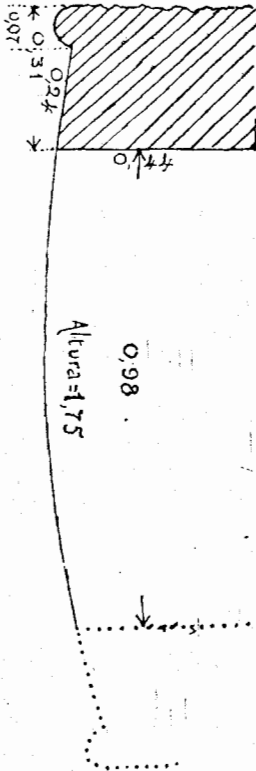


Fig. 16



Fig. 17

A umbreira original tem o torçal, em relêvo, levantado sôbre a espessura da pedra, como se vê em secção na fig. 16; disposição esta que corresponde a curvatura da padieira de uma casa circular. Esta umbreira tem, de altura, 1,^m75. Na fig. 16 lêem-se as dimensões em planta. Na fig. 17, porém, reproduz-se o torçal ou cordão, para se apreciarem as medidas das *espiras*. A espessura destas varia apenas de 0,03 a 0,04, mas as suas intersecções estão rigorosamente em plano horizontal.

Na aresta interna desta umbreira, e a 1,^m03 da soleira, há um entalho transversal cunciforme que serviria para apoio ou encaixe de tranca, porque é do mesmo lado da couceira da porta (fig. 18).

Na face posterior da mesma pedra há um rebaixo tôsco, onde a porta ajustaria; fica na mesma direcção vertical da couceira, cujo orifício está aberto na padieira, nesse ponto mais saliente que a parte interior da construção, de que há mais exemplos.



Fig. 18

5. Acessórios interiores das habitações

a) O lar

A pedra que represento esquematicamente, porque nada mais é necessário, na figura 19, e que vi em Briteiros, é sem dúvida um lar, averiguado pela calcinação da pedra que o constitue.

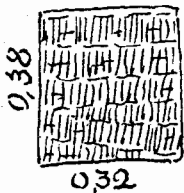


Fig. 19

Cotejando est'outra da fig. 20, com a anterior, pode concluir-se que esta pedra é também um lar, com a face superior levemente côncava, medindo a sua espessura 0,09. Encontra-se no Museu, procedendo de Briteiros. A fig. 21, de contôrno irregular, face superior plana e a inferior convexa, tem também a aparência de um lar; encontrava-se em Briteiros, em plena Citânia.

Tradicionalmente o lar ocupava, nas primitivas cabanas, o centro da construção, e isso mesmo devia suceder em Briteiros e por maior razão em Sabroso. Assim o pensava também A. Sampaio (*Portugalia*, I, p. 109). Assim era no povoado de Santa Olaia (.....), onde parece que não havia pedra no lar. A planta de uma habitação escandinávica lá tem também, ao centro, o lar (Montelius, *Les temps préhist. en Suède*, pág. ...). Veja-se o mesmo autor na *Civilisation primitive en Italie*, 1.^a parte, pl. 151 e 179. As habitações gaulesas, algumas redondas como as lusitânicas, tinham

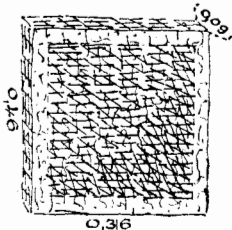


Fig. 20

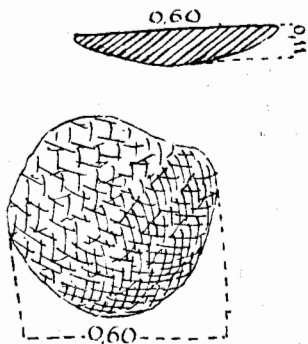


Fig. 21

seu lar constituído por pequenas pedras ennegrecidas, tal como o encontrei na estação de Penacova (*Habit. gauloises et villas latines*, por A. Garnier). A cabana do camponês grego também tinha ao meio o lar (*Dict. des antiq. grec. et rom.*, por Saglio & Daremberg, s. v. *Domus*).

¿Mas como poderia colocar-se o lar ao centro da cabana, onde se erguia o poste de madeira que sustentava o tecto da habitação? Na *Revista de Guimarães* (XXII, 122) refere-se uma pedra alongada que se encostava à que servia de base ao poste central.

b) A coluna central

Um dos factos melhor comprovados nas habitações castrejas é a existência de um poste, pilar ou coluna central de madeira, que servia de apoio da cobertura da cabana.

Em uma casa, aliás rectangular, de Briteiros, via-se

ainda ao centro uma pedra sensivelmente cúbica, que a fig. 22 representa. A parte visível era lavrada e esquadriada; a parte enterrada conservava-se tósca.

Estas pedras revestiam várias formas. Notei ainda, na própria estação, uma da forma de tronco de pirâmide (fig. 23). Mas em uma casa oblonga a pedra era um paralelepípedo deitado, que talvez se destinasse a dois postes (fig. 24); a sua distância às paredes da habitação era de 2^m para cada lado.

No Museu do Pôrto (Terroso e Laundos) havia outro paralelepípedo, mas a posição dêste devia ser vertical ou apumada, visto que a pedra tinha em

um dos extremos uma depressão indicativa do ajustamento do poste de madeira (fig. 25).

De todos os exemplares que vi, o mais interessante, se era essa a sua função, foi o que represento na fig. 26. E' certamente hipotética a atribuição, mas tenho-a por provável (*Rev. de Guimarães*, XXII, 106).

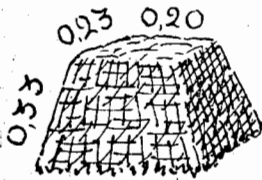


Fig. 23

Martins Sarmento refere-se também a estas pedras que encontrava no meio das casas e tinham uma cavidade, faceando algumas com o próprio pavimento da habitação (*Rev. de Guimarães*, XIX, p. 111; XX, 7). Uma dessas cavidades media um palmo pequeno de diâmetro, porque era redonda, e outro tanto de profundidade.

Cartailhac também notou em Briteiros a presença dêstes postes.

O recurso empregado para sustentar o madeira-

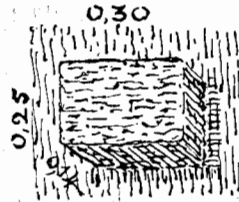


Fig. 22

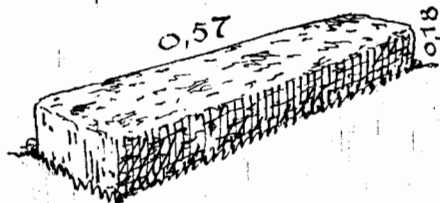


Fig. 24

mento do tecto das habitações castrejas, tinha longas raízes. Perrot & Chipiez referem que na povoação pre-histórica de Thera se descobriram edifícios com compartimentos rectangulares, e ao centro de um havia um cilindro de pedra com 0,30 de diâmetro e plano na face superior; era decerto a base de uma coluna de madeira (*Hist. de l'Art*, VI, ...).

Nos túmulos etruscos com abóbada de avançamento, o fecho desta apoiava-se em um pilar central de pedra (*La civil. prim. en Italie*, por O. Montelius, pl. 172).

A primeira habitação da Bélgica, que era também redonda, semienterrada e com o diâmetro duplo da lusitana, tinha ao centro uma pequena elevação de terra onde se apoiava um poste central, que algumas vezes seria uma árvore viva (*Annales de la Société Archéologique de Bruxelles*, 1905, III, pág. 431 e seg.^{es}).

A habitação gaulesa, apesar de muito diferente da lusitana e geralmente quadrilátera, tinha ao centro uma pedra circular com o diâmetro de 0,50 e a espessura de 0,085, e a mecha quadrada de 0,045 de profundidade (*Les fouilles du mont Beauvray*, por J. Déchelette).

Uma casa da estação de *Campos*, de planta alongada, o tecto era sustentado não por um, mas por vários postes, cujo diâmetro seria de 0,20 a 0,30, e que estavam dispostos sem regularidade (*Les premiers âges du métal* etc., por L. Siret). Esta estação é dos tempos de transição da pedra para o cobre.

Também do período de *Villanova*, as cabanas tinham o tecto apoiado em espeques interiores (*Arcaiche abitazioni di Bologna*, por A. Zannoni), aparecendo as pedras em que se apoiavam, mas neste particular não vejo grandes analogias com a uniformidade empregada nas citânias.

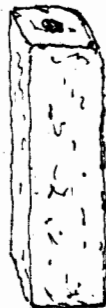


Fig. 25

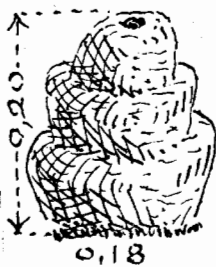


Fig. 26

c) O pavimento

Neste parágrafo há a considerar o nível do pavimento, relativamente ao terreno exterior, e a sua natureza ou estrutura.

As minhas observações directas, em Briteiros, condensam-se no seguinte, quanto ao pavimento das casas:

Vi construções em que o pavimento interior era mais elevado do que a rua exterior; em outras, o nível era igual, interna e externamente. M. Sarmiento refere-se a uma, cuja exploração dirigiu e em que o pavimento, ladrilhado de tijolo, estava mais fundo 1 m. que o alicerce visível da casa (*Rev. de Guimarães*, XX, 119).

É em comparação com o nível das soleiras, ou limiar das portas, os pavimentos estavam, a maior parte das vezes, em nível inferior 4 a 5 palmos (1 metro), o que também sucedia no castro de Santa Olaia (*Povoados de Santa Olaia*, por Santos Rocha, pág. ...). Nesta estação, o pavimento das casas era térreo, mas em uma construção de madeira era de seixos assentes em barro, julgando porém S. Rocha que neste caso se tratava de um alpendre como em Sabroso. E quanto ao seu nível, diz que os pavimentos estavam 0,1 acima da base dos envasamentos, descendo-se pois para dentro, e até em uma casa havia um degrau feito de pedra e barro, como em Bibracte. Eram de terra argilosa batida; em uma casa eram de areia, como em Bibracte e Hiztarlik (*Ibid.*, pág. ...).

Na estação de Sabroso, o pavimento era constituído por barro recalçado, mas por baixo havia uma espessa camada (2 a 3 metros) de detritos constituídos por uma terra requeimada, com fragmentos de ossos, carvão, metais e cacos, circunstância esta que Sarmiento compara com as que se davam no sudoeste de Espanha.

O pavimento de algumas habitações, em Briteiros, era ladrilhado de pedra; a mesma nota se lê na *Revista de Guimarães*, XXI, 100. Perrot & Chipiez (*Histoire de l'art*, p. ...) mencionam casas micenenses pavimentadas com grandes pedras, sobre que se

estendia uma camada de barro batido. Nas ruínas de Briteiros seria impossível conservar-se uma camada, que as chuvas arrastariam.

Em Santa Luzia, o pavimento era, no geral, superior ao nível do terreno exterior; esta circunstância foi perfeitamente averiguada no castro de S. Miguel-o-Anjo, de Azere. O efeito desta diferença era diminuir a cubagem da cabana; mas o fim procurado era, decerto, tornar a cabana mais drenada e mais defendida de inundações.

O. Montelius (*La civil. prim. en Italie*, 1.^a parte, pág. 415) fala de um fundo de cabana munida de vestíbulo; o nível dêste é superior.

M. Sarmiento, em presença de entulhos que encontrou em alguns fundos de habitações de Sabroso, suspeitou que ali tivesse havido casas com um pavimento e um espaço, ou armazém, no sub-solo, como nas povoações pre-históricas exploradas no sudoeste de Espanha por L. Siret (*Renascença*, p. 115; *Acerca das escavações de Sabroso*, por M. Sarmiento).

O pavimento das casas gaulesas de Bibracte era inferior ao solo externo, certamente para tornar as habitações mais confortáveis, descendo-se até por degraus dentro delas; êsse pavimento era também de argila batida. Sem embargo, as diferenças acentuadas entre as habitações rudes e irregulares da Gália e as dos nossos ópidos, em que perpassa sempre um sôpro de arte, embora ingénua e às vezes tósca, são tais que se reconhece sem esforço que a arquitectura castreja e pre-romana não tem as mesmas raízes que a céltica e gaulesa.

Mas era de boa explicação admitir que em Sabroso as habitações tivessem o subterrâneo, pois que as cabanas do período de Villanova (Itália) o tinham também para manter enxuto o pavimento da cabana e servir de depósito ou armazém de objectos domésticos ou armamento (*Arcaiche abitazioni di Bologna*, por Ant. Zannoni).